

Pobres &

"Nojenta" é a pessoa que
questiona velhos valores, cria
o novo e persegue vida boa e
bonita para todos

Nojentas



Florianópolis (SC), janeiro/fevereiro de 2008 - Ano 2 - Nº 11 R\$ 4,00

Foto: Ricardo Casarini

ACESSO PROIBIDO
PROPRIEDADE
PARTICULAR

Tinha um
campo de golfe
no meio do caminho

Costão Golfe ameaça aquífero que abastece o Norte da Ilha de Santa Catarina

3 Editorial

4 **Palavra**
Eliana do Santa Amélia

6 **Literatura**
A força das palavras

9 **Crônica**
Veroca, meu amor

10 **Mulher**
Vendedora de rosas

12 **Saúde**
Obesidade, epidemia em ebulição

14 **Luta Popular**
Quem aí joga golfe?

17 **Cidade**
Lições de quem não se acomoda com pouco

19 **Vida real**
Isso é coisa que acontece!

21 **América Latina**
A negra Piedad

22 **Abya Yala**
Ela foi até o fim!

24 **Entrevista**
A educação pelo sim

26 **Tempo livre**
Umás e outras



Companhia dos Loucos

Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro, nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Janice Miranda
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosângela Bion de Assis
- Sandra Werle

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens

Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Sandra Werle

(MTB/SC 00515-SC)

Revistinha difícil? Não, pedagógica!

A revista alternativa catarinense *Pobres e Nojentas* caminha para seu terceiro ano de vida, sempre apresentando uma nova possibilidade de aprendizagem no campo do jornalismo. Nojenta mesmo, querendo falar desde a periferia da periferia, afinal, quem pode inventar algo se não está no eixo Rio/São Paulo? Pois a gente faz isso. Por isso, outro dia, numa das reuniões de discussão das editoras, numa mesa de bar, falávamos sobre a dificuldade de vender a bichinha. Muitos são os comentários e um deles – além do fato de estarmos em Santa Catarina - é bastante recorrente. “O nome não ajuda. As pessoas não entendem bem o ‘nojentas’ e não gostam de ser identificadas com o ‘pobres’”. Nessa hora, sempre surge a idéia de mudar o nome para, quem sabe assim, atender aos apelos do “marquetin”. É aí que eu gosto sempre de entrar com os argumentos que, na verdade, são a alma desta revista.

Ocorre que a *Pobres e Nojentas* não é uma revista qualquer, feita para vender da maneira fácil, como por exemplo a *Caras* ou a *Tititi*. Estas são revistas óbvias. *Caras* é o retrato da superficialidade, já o diz seu nome, é a aparência, o fugaz. *Tititi* é o reino da fofoca, do boato, do maldizer, e assim por diante. O nome das revistas diz tudo. É óbvio, seguro, ululante. A *Po-*

bres e Nojentas, não. Ela é uma revista difícil. Ela provoca, de cara, um estranhamento. A pessoa pode até achar que entendeu a proposta pelo nome, mas se olhar a revista vai ver que é outra coisa. E aí é que ela se diferencia de todos esses títulos que aí estão. A *P&N* é um convite ao pensar. É pedagógica desde o primeiro olhar. Ela requer do leitor um movimento de mergulho, de busca, de deciframentos. Ela não é óbvia. E ela precisa ser conhecida assim, devagar, Tateando, como todas as coisas que realmente se conhece e, depois, se ama.

Por isso que o nome *Pobres e Nojentas* não é “vendável”, não é “comercial”. Porque a própria idéia da revista nasceu de uma outra forma de se relacionar com o mundo. O pequeno feixe de papel que as pessoas compram não é só uma mercadoria, e seu irrisório preço não expressa só seu valor de troca. A *P&N* está, para nós, dentro do reino da “necessidade” e não do consumo ritual. As vidas que se revelam nas páginas “nojentas” não são narradas para entreter. Elas se mostram ali pedagogicamente. Cada história mostra como as gentes ditas comuns – de uma América Latina e um Brasil reais - vão construindo esse mundo, com suas lutas, dores e alegrias. É como uma grande roda ancestral em volta da fogueira onde contamos histórias para não esquecer de

nossas belezas. Mulheres e homens que se reconhecem sujeitos, que enfrentam a vida com garra e seguem rompendo auroras.

Com essa pretensão a *Pobres e Nojentas* adentra em seu terceiro ano enfrentando as mesmas caras torcidas dos donos de banca, dos leitores preguiçosos, dos pseudo-intelectuais, e segue seu caminho lento na construção de uma proposta que chama de “jornalismo libertador”. Ou seja, um jornalismo absolutamente comprometido com o outro, mas não um outro qualquer, é o outro oprimido, a comunidade das vítimas do capital. Aqueles que, a despeito do massacre capitalista - que incentiva o egoísmo, a individualidade exacerbada, o hedonismo barato – vivenciam coisas antigas e belas como a solidariedade, a partilha, a cooperação e o amor-compromisso. A *Pobres e Nojentas* te convida a pensar, sem elucubrações teóricas ou notas de rodapé, mas no corpo-a-corpo com a vida, como diria o mestre João Antônio. Ela é sempre uma aventura, nunca óbvia, sempre um salto no abismo! E está bem ali, nas duas bancas mais corajosas da Ilha: a da UFSC e a da Catedral. Ou então, de mão em mão, por aí, nos caminhos... Atreva-se para além do estranhamento e descubra...

Por Elaine Tavares
editora da *Pobres e Nojentas*

Veja o blog da revista <http://pobresenojentas.blogspot.com>

Eliana do Santa Amélia

Por Elaine Tavares
de Florianópolis

Fotos: Elaine Tavares



Era uma linda mulher. Dessas que parecem iluminar tudo. E, como sempre, é preciso que um fato inusitado aconteça para que alguém, apenas vislumbrado num banco de ônibus, acabe sendo mais do que uma simples visão.

E assim foi. O ônibus que vinha de Belo Horizonte a Curitiba parou na estrada em função de um acidente com um caminhão. Toca a descer todo mundo. Nenhum jeito a não ser esperar. Mas, na espera, os viajantes se falam, se conhecem, e deixam fluir suas belezas.

A mineira Eliana Rodrigues tem 43 anos e uma exuberância que a faz luminosa. E não haveria de ser apenas no físico. Sua beleza se espalha para a mente e o coração. Moradora de um bairro de periferia de Belo Horizonte, o Santa Amélia, ela não se conformou em ver a pobreza e a tristeza tomar conta das pessoas que faziam parte do seu viver. Adolescentes fadados ao narcotráfico, crianças sem futuro e velhinhos sem razão para seguir a jornada não encontrariam guarida ali. Não se ela pudesse fazer algo. “Eu tinha um emprego, poderia ficar na minha, mas acredito que a gente, que tem um pouquinho, precisa ajudar o outro que não tem”. Ah, essas sabedorias socialistas!...

Foi por conta desta equação tão singela que Eliana criou, há cinco anos, o projeto “Gente ajudando gente”, que desenvolve

sem a ajuda de ninguém, a não ser da sua férrea vontade de ver sua gente feliz. Ela organiza oficinas, encontros e desfiles de moda, nos quais as “modelos” são gente comum. “Tem senhoras que viviam doentes, com depressão e que, agora, por conta do projeto, são outras pessoas. Estão vivas, felizes e até esqueceram suas dores, físicas e psicológicas.”

Além dos desfiles de moda que fazem sucesso nas comunidades do Santa Amélia e São Gabriel, ela ainda realiza trabalho de reforço escolar com as crianças. E não é só coisa de acompanhar os estudos não, é acompanhar a vida, é dar nova chance, é espalhar amor e compreensão, é mudar existências. Porque Eliana é assim, como um facho de luz que tudo incendeia a sua volta. E é por ser assim que se diz feliz. Tem pouco, mas o pouco que tem, distribui. Porque afinal, desta vida nada se leva e poucas coisas podem suplantar a visão de uma pessoa saindo de seu casulo de dor e enfrentando a vida com alegria e otimismo. É isso que Eliana faz lá na periferia de Belo Horizonte, Minas Gerais. Ela se dá e, assim, vai fazendo desse mundo um lugar melhor. Gente ajudando gente. Sem pedir nada em troca. Profeta, fazendo agora, real, o futuro que poderia apenas sonhar.



A força das palavras

“Escrevo para confirmar que estou viva”,
dizia Clarice Lispector sobre o seu ofício

Por Samuel Frison, de Caxias do Sul (RS)



No dia 9 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro, morria inesperadamente Clarice Lispector, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira, autora de romances, contos e crônicas marcados por uma peculiar arte de narrar. Clarice mostrava ou ocultava, através da força de suas palavras, o lado humano e por vezes indecifrável do ser, o duplo que habita todos nós. Para alguns, a escrita de Clarice foi um mistério. Para outros, significou a ruptura com as formas desgastadas pelo uso da linguagem do real e um mergulho na introspecção sensorial.

Nasceu na Ucrânia, no ano de 1920, na pequena cidade de Tchetelnik. Filha

de comerciante judeu e mãe brasileira, seu nascimento foi sucedido pela fuga obrigatória da família na tentativa de escapar da perseguição russa aos judeus. Em 1922, os Lispector chegaram ao Brasil e foram recebidos pela tia de Clarice, Zina. Passam a adotar novos nomes e se estabelecem em Recife, onde ficam até o ano de 1935, quando a família se muda para o Rio de Janeiro.

Musa, diva ou esfinge? Clarice é adjetivada pelos seus seguidores de diversas maneiras. Contida, a pessoa da escritora se definia como uma “simples dona de casa que escreve livros”. Mas seus admiradores, estudiosos, amigos mais próxi-

mos não se contentavam com o jeito quase imperceptível com que ela se postava diante das coisas. De escassas palavras, dava poucas entrevistas, esquivava-se dos jornalistas, preferia o silêncio. “É que eu sinto uma falta do silêncio. Eu era silenciosa e agora me comunico, mesmo sem falar. Minha força está na solidão. O papel do escritor é falar o menos possível”, disse ela certa vez.

As pessoas tendem a enaltecer os escritores como seres misteriosos, excêntricos, incomuns. Tendem a vê-los como intelectuais ou pessoas de difícil compreensão. Clarice negava todos esses atributos, dizendo que era uma pessoa simples, que não lia muito, mas que possuía certa compulsão por escrever, uma paixão confessa. “Escrevo para confirmar que estou viva. Escrevo porque encontro nisso um prazer que não sei traduzir. Não sou pretensiosa. Escrevo para mim, para que eu sinta a minha alma falando e cantando, às vezes chorando...”.

Admiradora das crianças e dos cachorros, Clarice via nesses últimos a sedução de um mistério que não poderia ser revelado e nisso residia a sua idéia de liberdade. “Por que é que um cão é tão livre? Porque ele é o mistério

vivo que não se indaga”. Para a autora, as palavras, os gestos, as pessoas não precisavam ser completamente compreendidas. “Viver ultrapassa qualquer entendimento”, resumia.

Seu primeiro livro publicado foi *Perto do Coração Selvagem*, no ano de 1943. Clarice o conclui num período de efervescência pessoal. No mesmo ano casou-se com um colega do curso de direito, Maury Gurgel, com quem foi morar em Belém do Pará. Em 1944, conhece o crítico literário Benedito Nunes, seu admirador e posterior estudioso de sua obra. Depois de ser recusado por várias editoras, *Perto do Coração Selvagem* é recebido pela crítica com elogios, vencendo vários prêmios literários. Em virtude dos compromissos do marido, muda-se para a Europa.

Em plena segunda guerra mundial, atua como correio diplomático, levando cartas de Lisboa para Casablanca, no Marrocos. Enquanto viaja termina o seu segundo romance, *O lustre*. Na ocasião da viagem conhece o cronista Rubem Braga, que vem a se tornar seu grande amigo e incentivador. À época, ele atuava como correspondente do jornal *Diário Carioca*. É pelas mãos de Braga que Clarice, mais tarde, torna-se uma renomada escritora de crônicas, gênero em que se

sentia pouco à vontade, justamente por ter de se revelar como pessoa. Inicialmente escreveu crônicas para revistas femininas e jornais com pseudônimos, para, mais tarde, revelar-se cronista.

Apesar de não se sentir à vontade no gênero, era nas seções de crônicas jornalísticas que Clarice encontrava o grande público e começava assim a receber muitas correspondências de fãs, pessoas que encontravam em sua escrita uma nova razão para viver. Certa vez uma pessoa lhe escreveu “Cada vez que me encontro com a beleza de suas contribuições literárias, vejo ainda mais fortalecida minha intensa capacidade de amar”. Sobre a sua relação com leitores, Clarice certa vez declarou. “As outras cartas, desta última safra, são de gente muito pura e cheia de confiança em mim. Não sei selecionar as que mais me comoveram. Todas esquentaram meu coração, todas quiseram me dar a mão para me ajudar a subir mais e ver de algum modo a grande paisagem do mundo, todas me fizeram muito bem. Sou uma colunista feliz”, resume.

Os anos 60 são bastante agitados na vida da escritora. Na ocasião lança seu livro *Laços de Família*, que inclui suas narrativas breves mais famosas,

Musa, diva ou esfinge? Clarice é adjetivada pelos seus seguidores de diversas maneiras. Contida, a pessoa da escritora se definia como uma “simples dona de casa que escreve livros”

“Minha alma eu a deixarei, qualquer animal a abrigará: serão férias em outra paisagem...”

como os contos *Amor, O Búfalo e Feliz Aniversário*. Em 1964, separa-se do marido e publica outro livro de contos, *A legião Estrangeira* e um de seus romances mais densos, *A Paixão Segundo G.H.* Muda-se então para o apartamento no bairro do Leme, no Rio de Janeiro, onde permanece até o seu falecimento.

Em 1975, sem perceber que acentuaria sua imagem de escritora excêntrica, participou, juntamente com sua amiga Olga Borelli, do I Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá, Colômbia. Na ocasião, foi responsável pela abertura dos trabalhos do congresso, lendo seu conto predileto, *O ovo e a Galinha*, obra que continuaria indecifrável para a própria escritora. “Não sei bem ainda o que quer dizer”, confessa.

A crítica sempre cobrou de Clarice uma posição de engajamento social, algo bastante cultuado pelos intelectuais da época, principalmente nos anos que se seguiram à ditadura militar. Ela sempre se defendeu, dizendo que

o social estava presente a sua escritura, difundido nas vozes, nas percepções, nas sensações, no questionamento de um ponto de vista muito particular vivido pelas personagens.

Através de seu último romance a escritora pôde explorar algumas das nuances da difícil condição social dos brasileiros, sem cair no engajamento explícito ou na literatura de mercado. Em *A Hora da Estrela*, Clarice dá voz a uma retirante nordestina que se perde pelas ruas no Rio de Janeiro, massacrada pelo interesse alheio. “É a história de uma moça muito pobre, que come cachorro quente, tem uma ingenuidade pisada e uma miséria solitária”. Sua Macabéia, protagonista do livro *A Hora da Estrela*, é a típica moça que vem para a cidade grande e sonha encontrar o príncipe encantado. Ele é personificado no livro por Rodrigo J. M., um rapaz de cultura

média, que nutre um sentimento confuso para com a personagem. Às vezes até gosta dela, mas sente-se envergonhado pela sua brejeirice, seu jeito sonhador e sua maneira confusa de sentir.

Alguns meses depois da publicação de *A Hora da Estrela*, Clarice falece de câncer no Rio de Janeiro, em meio a dificuldades financeiras. Sua morte súbita entristeceu a todos os amigos mais íntimos. Ela nos deixa um legado literário importante, pois sua existência foi tão valiosa quanto a força que imprimiu a sua escritura. Hoje sobrevive através de sua vasta obra, lida e traduzida para vários idiomas. Às vezes, é possível imaginá-la resignando-se com a morte. Certa vez declarou algo a respeito, dizendo “Minha alma eu a deixarei, qualquer animal a abrigará: serão férias em outra paisagem, olhando através de qualquer janela dita da alma, qualquer janela de olhos de gato ou de cão. De tigre, eu preferiria”, finaliza.

PROJETO
AMÉRICA
LATINA
PALAVRA
VIVA

Educação
e Cultura

amlapav@gmail.com



Veroca, meu amor

Por Rogério Almeida*, de Belém do Pará

Os abastados da província costumam virar o nariz quando se afirma que o Veroca (Mercado do Ver o Peso) é uma espécie de síntese do povo do Pará, que na época do festejo do Círio de Nazaré pulsa a todo vapor. O Veroca é chique, arquitetura de ferro secular de origem belga abriga o setor dedicado a peixe e carne. Cada um em canto oposto.

Santa Maria do Grão Pará, nome oficial de Belém, nasceu às margens do rio Amazonas, lá num distante 1616, quando imperava nestas terras o povo Tupinambá. Os (as) pesquisadores (as) dedicados (as) na investigação sobre o urbano sinalizam que é junto aos postos de troca de mercadoria que as cidades germinam. Lá pertinho, o forte do Castelo aguarda os novos saqueadores. Ainda hoje os canhões estão apontados para a baía.

A cidade é quase uma ilha. Pena ter crescido de costas para o rio, subjugado pela corrida imobiliária, assim como Manaus, que rivaliza a hegemonia política e tragédias urbanas na Amazônia: a concentração de palafitas, problemas de trânsito e saneamento.

Os territórios do Veroca são múltiplos e os senhores (as) deles diversos conforme o horário do dia, da noite ou da madrugada: o setor de venda de peixe, praça de alimentação, praça de biritá, vendedoras de ervas, feira do açaí e o mercado de carne. Ao varar do sol, estivas, vendedores de hortifruti-granjeiro, compradores, as barraqueiras do café controlam o pedaço. Ao meio dia os (as) comerciários (as) afrontam a cidade, que ganha outros entes (encantados e reais) com a aproximação da noite,



Fotos: Rosa Rocha

tais como “as meninas”.

Os barcos atracados no porto balançam sobre as águas na baía do Guajará, onde os urubus disputam vísceras dos peixes, celebrados pelo casario colonial. Um secular relógio marca o tempo, anseia a passagem da imagem da Santa sempre a cada segundo domingo de outubro. Isso faz mais de duzentos anos. Já a cada sábado a romaria é fluvial, onde afluem os ribeirinhos. Vendedores (as) de badulaques, policiais, profissionais liberais, poetas, funcionários públicos, “as meninas” os (as) malandros (as) oxigenam a vida do lugar, em demasia barulhento quando apita as seis da tarde.

Ferve o lugar, peixes ardem nas frigideiras encardidas, vendedores de churrasquinho, queijo, amendoim. “As meninas” sorriem serelepes, como se declarassem uma paixão antiga a quem acabaram de conhecer. Penso em Itararé, - o Barão-, Lima Barreto, João Antonio, no teatro de Plínio Marcos, nos vencidos de Dalton Trevisan, nos marginais de Genet. Aqui soa um mundo solidário na alegria e na dor.

Quantas amazônias ocultam a ignorância e preconceito da metrópole? O mundo das feiras, da terra firme, várzea, igarapés e o rio-mar (Araguaia, Tocantins, Xingu, Tapajós). Os filtros que tentam tratar da região transitam pelo exótico: eldorado, inferno verde ou um imenso almoxarifado. O barro desta terra gerou gente do quilate do escritor Dalcídio Jurandir, Benedito Nunes,

um dos mais expressivos críticos de literatura do país, a romancista Eneide de Moraes, o poeta Max Nunes, homenageado na derradeira feira do livro, dedicada a Cuba.

O Veroca tem a cor, a dor, a alegria, o cheiro, o perfume e o fedor dos humildes. Ao redor do Veroca um universo paralelo flutua. Os inferninhos – ou seriam paraísos – encravados nas ruas estreitas se agitam. Meninos (as) cheiram cola, assaltam, reparatem com os pares e policiais a renda.

Uma terra farta em imagem e signos, os mais variados, abriga um pólo de fotografia, que tem entre os animadores o coletivo FOTOATIVA. Belém é uma metrópole sonora, sedia um dos antigos conservatórios, o Carlos Gomes, mas também tem punk e hard-rock, instrumentais, orquestras e o arrastão do Pavulagem, que anima a quadra junina há 20 anos, e muito engarrafamento, que sempre atrasa a chegada até o Veroca, coração e sexo da cidade. Ainda que uma pequena parte da população torça o nariz.

* Rogério Almeida é colaborador da rede Fórum Carajás.

Vendedora de rosas

Por Míriam Santini de Abreu, de Caxias do Sul

Mas de todas as prendas, a mais rara,
Aquela que mais fala à fantasia,
São as folhas daquela rosa branca
Que a meus pés desfolhaste, aquele dia...

Trecho de *Folhas de Rosa*,
da poetisa portuguesa
Florbela Espanca

MULHER



Pobres & Nojentas - jan/fev de 2008

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Quase esquina da Rua General Sampaio com Avenida Rio Branco, em Caxias do Sul [RS]. Alda Lorenzi acomoda uma cesta de vime, repleta de rosas coloridas, na curva do braço, atenta aos motoristas que param no meio-fio. A maioria dos clientes já a conhece, e ela também sabe o gosto de boa parte deles. É assim há nove anos. Alda completa a aposentadoria de R\$ 420,00 com a venda de rosas no movimentado cruzamento da cidade gaúcha.

As mãos de unhas cuidadosamente pintadas também produzem peças em crochê, ponto cruz e vagonite, um tipo de bordado, que toda a semana ela leva para a costureira Eluci dar o arremate. O vagonite ela aprendeu ainda menina, nove anos e pouco, com uma professora na escola. Aos 11, começou a vender folhagens naturais de porta em porta para ter o dinheiro da matinê, que, às vezes, o pai também dava. Alda conta que parou cedo de estudar. Quando rodou uma série, enjoou do colégio. Queira mesmo era trabalhar. Um tio alfaiate era amigo de Kalil Sehbe, empresário à frente de um império que, nos anos 1970, empregava 5 mil pessoas. “Eu disse que sabia usar a máquina de costura para trabalhar na fábrica. Sabia nada!”, conta Alda. “Mas fiquei na porta do Sehbe até que me botaram pra dentro.”

Alda tentou costurar durante três dias, mas não deu certo, e ela foi parar no setor de limpeza de fios. Tinha 14 anos e carteira assinada. Aos 21, quando já dominava outras tarefas, sou-

be que o Sehbe iria abrir uma fábrica em Salvador. A jovem não vacilou ao colocar o nome na lista de interessados em se mudar para a Bahia. Fez as malas e partiu. No Nordeste, a caxiense fez amigos, como Agueda Ana Zordan, teve amores, encontrou outro emprego e conheceu cidades como Recife, Maceió, Natal e Ilhéus. Voltou para o Rio Grande em 2002, para ajudar a irmã a cuidar da mãe adoentada.

Hoje Alda divide com o irmão Gilmar a casa que era da mãe, e cultiva o gosto pelas viagens. Ao longo de 15 anos, economizou dinheiro para conhecer parte da Europa. Em 2003 esteve em Portugal, Espanha, Itália e França e, em 2006, passou quatro dias em Buenos Aires. Que a vissem tomando “un cortado con medialunas” num café da elegante Avenida 9 de Julio, centro da capital Argentina! Já viu fotos – e se encantou – com Áustria, Suíça e Alemanha. O mar para o Velho Mundo a chama.

De volta à esquina da Serra, Alda oferece as rosas:

- Sete reais a dúzia, um real o botão – informa ela, com aquela sua voz firme, quase cortante, ao motorista de um Passat branco. Ali ela fica quatro vezes por semana, faça sol ou chova, e se o caso for este, abriga-se com capa e cobre as flores com um plástico. Às vezes, quem ganha prendas é ela: bombons, pastéis, vinho, champanhe, cestas de Páscoa. Afinal, essa mulher com alma de viajante vende, como diz Florbela Espanha, o que mais fala à fantasia.

Veja entrevista com Alda Lorenzi na conta de P&N no You Tube:

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>



Mãos que também fazem bordado

Obesidade, epidemia em ebulição

Por Amberson Vieira de Assis, cardiologista, de Florianópolis

Cerca de 80% dos que sofrem de doenças crônicas encontram-se entre as populações pobres do mundo em desenvolvimento. Poucas dessas nações estão preparadas para arcar com o ônus da assistência médica que tais doenças provocam. Nesses países explodirão os maiores reflexos dessa crescente crise de saúde pública, a qual reduz as chances de um crescimento econômico ideal, agindo como se fosse uma bomba de efeito retardado.

Em apenas quatro países - China, Índia, Brasil e Rússia - estima-se que a perda da renda nacional anual devido a doenças do coração, derrame cerebral e diabetes totalize mais de US\$ 1,1 trilhão. Em 2020, se a epidemia de obesidade continuar nesse ritmo, para cada 5 dólares gastos com saúde, 1 será destinado ao tratamento dessas pessoas.

No mundo, há mais de um bilhão de adultos com excesso de peso. Destes, pelo menos 300 milhões são obesos. No Brasil, segundo dados

recentes, 40 a 50% da população adulta está obesa, com um predomínio entre as mulheres. Segundo outro estudo, o aumento no número de adolescentes obesos nos EUA pode ser responsável por um incremento de cerca de 20% do número de casos de doenças cardíacas até 2035. A pesquisa ainda sugere que um maior número destes jovens sofrerá de doenças cardíacas aos 30 ou 35 anos, o que implicará incremento de hospitalizações, das necessidades de tratamentos para as doenças cardíacas geradas e, de forma marcante, haverá uma redução da expectativa de vida desse grupo.

A obesidade e o excesso de peso são fatores de risco relevantes para o surgimento de doenças crônicas, como diabetes, doenças do coração, hipertensão, derrames cerebrais e certos tipos de câncer. As principais causas do problema são o consumo crescente de dietas com alta densidade energética, ricas em gorduras e açúcares, além de atividade física reduzida.

Para definir se há sobrepeso ou obesidade, os médicos utilizam o Índice de Massa Corpórea (IMC). Pode-se calcular o IMC dividindo-se o peso da pessoa, em quilos, pela altura, em metro, ao quadrado. **Por exemplo:** quem mede 1,71 metro e pesa 80 quilos deve dividir o peso (80)

pela altura ao quadrado (1,71 x 1,71). O resultado será um IMC de 27, sinal de sobrepeso. Se o índice ficar entre 19 e 25, está dentro do normal. Entre 26 e 30, há sobrepeso. Acima de 30, obesidade e, se passar de 40, o diagnóstico é obesidade mórbida. A doença é denominada “mórbida” pois gera problemas que aumentam o risco de morte.

A incidência de problemas de saúde e a mortalidade por obesidade aumentam de forma alarmante e exponencial a partir do IMC 30. O risco de morte prematura duplica em indivíduos com IMC ≥ 35 . A morte súbita inexplicada é 13 vezes mais freqüente em mulheres obesas com IMC ≥ 40 quando comparada a mulheres de peso normal.

Embora o IMC permita uma avaliação bastante rápida e prática da obesidade, é imperativo lembrar que esse índice possui algumas limitações, de modo que pessoas muito musculosas ou com retenção líquida importante podem apresentar IMC falsamente elevado.

A circunferência abdominal é um outro método simples e representativo da gordura acumulada no abdômen. Representa alto risco, quando associada a outros fatores como diabetes, hipertensão, colesterol e triglicerídeos elevados e obesidade. Esta medida é facilmente realizada utilizando-se uma fita métrica não elástica. A circunferência abdominal é medida na altura da cicatriz umbilical. São valores anormais medidas para homens maiores que 102cm e de 88cm

para mulheres.

Muito embora exista a necessidade de um tratamento individualizado para os obesos, várias barreiras impedem sua execução. Tais limitações vão desde acesso difícil ao sistema de saúde, passando por fatores psicológicos do paciente, pela falta de motivação dos profissionais de saúde envolvidos no atendimento, dificuldades de obtenção do sucesso desejado, resistências à mudança do estilo de vida, rejeição à reeducação alimentar, busca por fórmulas mágicas com resultados imediatos, além de preferências por tratamentos que envolvam uso de medicamentos supressores de apetite.

Os seres humanos, ao promoverem o desenvolvimento social e facilitarem o acesso aos alimentos, geraram essa doença, uma epidemia em expansão rápida. Sob os feitiços da gula está lançado um desafio paradoxal à sociedade moderna. Estamos mais e mais vivendo para comer. Nosso organismo, fruto da evolução de milhões de anos na escassez, não está preparado para essa orgia alimentar e tem reagido mal, acelerando seu desgaste, e, por ironia, a alimentação, sinônimo e garantia de sobrevivência, quando em excesso, se torna uma séria ameaça à vida.

hábitos saudáveis

Para evitar “engordar” as estatísticas, o ideal é incorporar hábitos saudáveis, como:

- aumento no consumo de hortaliças, frutas, leguminosas e alimentos integrais, ricos em vitaminas, minerais e fibras;
- diminuição do consumo de frituras, doces, carne vermelha e salgadinhos, alimentos ricos em gordura saturada;
- praticar atividades físicas regularmente, aumentando o gasto energético e contribuindo para a eliminação de peso e manutenção da saúde;
- diminuir o consumo de álcool e refrigerantes, dando preferência à água e sucos naturais;
- fazer várias pequenas refeições ao dia, para uma maior saciedade, além de um melhor trabalho do organismo.



Quando chega o verão é comum se ver na televisão aquelas campanhas hipócritas sobre o consumo de água. Como este é um bem perecível e cada vez mais escasso, os meios de comunicação, a mando de seus donos, desenvolvem esse tipo de campanha que joga a responsabilidade do problema do abastecimento para as pessoas comuns, essas que gastam pouquíssimos metros cúbicos por mês. “Não deixe a torneira escorrendo enquanto escova os dentes”, “não lave sua calçada” ou “lave seu carro usando o balde”. Ora, isso seria engraçado se não fosse mais uma dessas enganações que o sistema cria para fazer das vítimas, vilões. As gentes comuns não são responsáveis por crise de abastecimento em lugar nenhum do mundo. O que causa escassez é o consumo de grandes empreendimentos, grandes hotéis, indústrias, fábricas, em-

Quem aí j

A luta de uma comunidade

Por Elaine Tavares

presas etc... É aí que água vai para o ralo.

Na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, uma comunidade da parte insular luta para manter seus mananciais de água vivos e limpos. Tudo isso porque um grande empresário local decidiu criar um campo de golfe na ilha. É, um lindo e verdinho campo para a elite internacional e nacional “desestressar” nos finais de semana tendo como pano de fundo a maravilhosa praia dos Ingleses. Até aí nada parece demais, mas basta uma levantada no tapete para se

descortinar um grande problema para a cidade.

Um primeiro ponto é que o empreendimento foi liberado pelos órgãos ambientais da cidade a partir de licenças falsas, conforme apurou a Operação Moeda Verde, uma ação da Polícia Federal que levou para a cadeia – por pouco tempo, é claro – vários empresários e funcionários públicos acusados de corrupção e venda de licenças ambientais, respectivamente. Entre esses empresários estava um dos donos do Costão Golf, que tem como sócia uma



ACESSO PROIBIDO
PROPRIEDADE
PARTICULAR

oga golfe?

e por seus recursos naturais

re, Florianópolis

grande empresa estrangeira.

Mas, muito antes disso acontecer, o movimento comunitário dos Ingleses (bairro onde fica a obra) e da cidade de Florianópolis já vinha denunciando a periculosidade do empreendimento para os mananciais de água do lugar. A ilha de Santa Catarina tem um sistema de abastecimento bastante frágil. Grande parte da água consumida na cidade vem de outro município, do Sistema de Pilões, Palho-

ça. Duas regiões da ilha possuem um sistema de captação própria. O sul, que tira sua água da Lagoa do Peri, e o Norte, que se abastece no manancial do aquífero dos Ingleses. Pois é justamente essa reserva de água que durante o ano abastece mais de 50 mil pessoas (na temporada o número pula para 150 mil), que está sob ameaça.

O Aquífero dos Ingleses é um sistema frágil como qualquer outro sistema insular, e apesar de ter uma permeabilidade excelente, o que garante boa reposição de água

com a chegada das chuvas, é justamente isso que pode causar o seu fim. Diz o Diagnóstico das Águas da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento de Santa Catarina (Cas-san): "As características de permeabilidade do aquífero permitem excelentes condições de recarga. Por outro lado, essas mesmas características podem comprometê-lo em face do lançamento de efluentes no solo, potencializando os riscos de contaminação. Neste sentido, se faz necessário estabelecer, de modo criterioso, as regras para o uso e ocupação do solo daquela região, assim como implantar infra-estrutura de esgotamento sanitário, objetivando a preservação desse importante manancial". Pois a implantação do campo de golfe nos Ingleses tem praticamente o efeito de uma bomba sobre o aquífero.

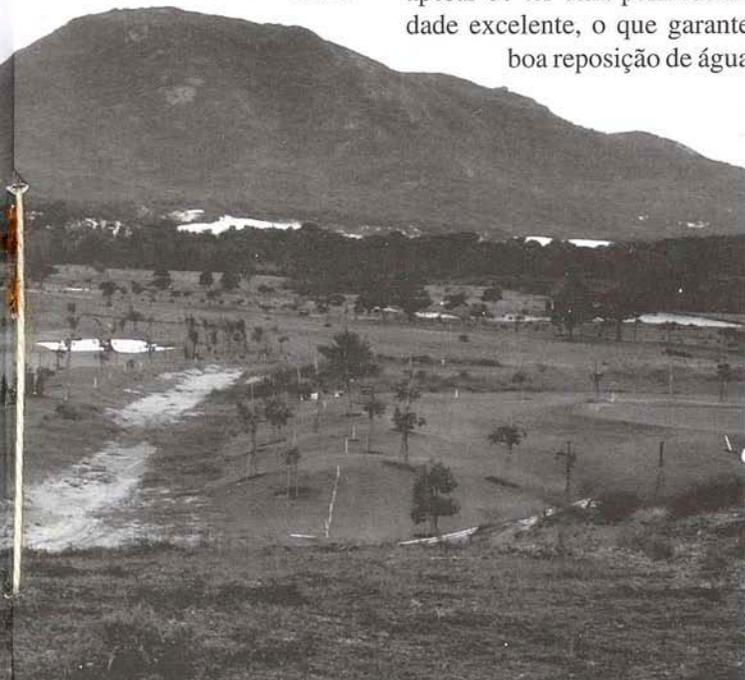
A proposta do empresário, que já é dono do Costão do Santinho - um espaço de praia belíssimo que foi praticamente privatizado, assim como as inscrições rupes- tres que contém - é a de construção de um campo de golfe de nove buracos, com área residencial de primeiríssima linha, que vai contar até - pasmem - com um teleférico para levar os ilustres moradores da área residencial até a estupenda praia do Santinho. Segundo as informações do próprio empreendimento, disponibilizadas na rede, o campo ainda vai ter uma "importante função social" que é a

da criação de uma escola de golfe para as crianças e adolescentes da região, além da criação de um parque para proteger as dunas. Parece perfeito!

Sempre verde e vivo!

Para manter um campo de golfe são necessários muitos cuidados. A grama deve estar sempre bem verdinha, impecável. Esse efeito não se consegue por obra e graça da natureza. Há que gastar muita água. No caso do Costão Golf, segundo Carlos Magno, do Fórum da Cidade, a projeção é de que o gasto, só com a manutenção do grama- do, chegue ao equivalente ao consumo/mês de 15 mil pessoas. Além disso, para manter a aparência saudável, o campo tem de ser tratado a base de defensivos, impedindo o nascimento de qualquer gramínea indesejada. Estes defensivos, agrotóxicos potentes, se esvaem para dentro da terra, portanto, contaminando o aquífero. Com isso, além de consumir milhares de metros cúbicos, o empreendimento ainda coloca em risco o frágil sistema da costa norte. Ainda segundo Carlos Magno, a manutenção do *green* (espaço do golfe) utilizará 18 toneladas/ano de agrotóxico. "É impossível controlar a penetração dos agrotóxicos no lençol freático".

Como a Operação Moeda Verde ainda não teve sua conclusão, praticamente todas as obras que tiveram suas licenças adquiridas de forma ilegal seguiram seu curso. O Centro de Compras Iguatemi, que já



estava até concluído, segue incensando o deus consumo, e o Costão Golf também continuou a todo vapor, estando agora na fase de venda dos terrenos. É, porque as pessoas vão poder ter casa dentro do campo de golfe. Não é tudo? Nas ruas da cidade, os enormes cartazes de propaganda que anunciam a venda de terrenos no Costão Golf trazem a sorridente modelo Luiza Brunet afirmando: “Morar aqui é um sonho”. E, lá no fundo, uma casa de cinema e aquele gramado verdinho, anunciando delícias para quem for viver naquele pedaço de paraíso. Na página que anuncia o empreendimento na internet, o anúncio frisa: “O Costão Golf tem como prioridade a preservação do meio-ambiente, a valorização da natureza e a manutenção dos recursos naturais do seu entorno”. Mas, para ecologistas e lutadores sociais da cidade, isso não corresponde a

verdade. “Uma coisa é ter um laudo de que pode ser possível a não-contaminação da água, mas outra coisa é isso definitivamente não acontecer”, diz Modesto Azevedo, um dos dirigentes da União Florianopolitana de Entidades Comunitárias. Para ele fica difícil acreditar numa empresa que iniciou uma obra já com licenças ambientais fajutas.

As famílias que moram fora dos portões do céu, próximas ao empreendimento, e uma boa parte das lideranças comunitárias locais, só conseguem prenunciar pesadelos com a instalação do campo de golfe. Não foi à toa que iniciaram um abaixo-assinado, chamado de SOS Aquífero dos Ingleses, exigindo do Ministério Público que as obras fossem embargadas até que se tivesse a mais completa comprovação de que o aquífero não seria contaminado pelos agrotóxicos. “Até agora não há nenhum relatório conclusivo sobre esse assunto e o laudo que eles estampam na página da internet só diz que o lençol freático não será contaminado porque a quantidade de agrotóxicos usada será pequena. Mas quem garante isso?”, insiste Modesto.

As milhares de assinaturas recolhidas durante dias e dias de campanhas não foram suficientes para suspender as obras no campo de golfe. Além disso, a festa de inauguração da campanha de vendas contou com aliados de peso: o governador do Estado, Luiz Henrique da Silveira, e o prefeito de Florianópolis, Dário Berger, que se fartaram em elogios. Tanto um como o outro fizeram questão de ignorar as preocupações da comunidade. Para eles, o que importa é que o empreendimento vai trazer os turistas endinheirados para capital. Os que lutam pela preservação do aquífero são desprezados e vistos como um bando de gente atrasa-

da que não consegue entender a condição natural da cidade para o turismo.

Por outro lado, tanto o governador quanto o prefeito parecem não ter conhecimento dos números que o próprio Estado disponibiliza. Segundo a Casan, o sistema do aquífero dos Ingleses já está quase no seu limite. O máximo de captação é de 393 litros/segundo, e a Casan já usa 330 litros/segundo. Isso significa que empreendimentos como o Costão Golf podem colocar em risco o sistema só por conta do gasto de água. Isso sem contar o problema dos agrotóxicos.

Na página que anuncia o Costão Golf, essa questão da água é abordada e traz o que consideram uma solução: o local terá sistema de irrigação do campo a partir da água tratada do esgoto. Também alertam que já dispõem do que chamam de “sistema de remediação”, para o caso de uma contaminação do solo com os agrotóxicos. Para isso será instalada uma barreira hidráulica com poços de bombeamento que garantirão a reversibilidade de uma possível contaminação, coisa que, segundo eles, é quase impossível de acontecer.

E assim, amparados em laudos técnicos, licenças suspeitas, e indiferentes ao grito das comunidades e ambientalistas, os grandes empresários locais, apoiados pelos governantes, vão inchando a ilha com obras faraônicas de uso restrito para gente “de alto nível”. E, com isso, devagar, vão destruindo aquilo que é, em Florianópolis, sua maior riqueza: a natureza exuberante. Não é à toa que a praia de Canasvieiras já quase não tem faixa de areia, assim como também a praia dos Ingleses. Tudo isso fruto da ocupação insana e da falta de respeito com o ambiente. Então, quando tudo está destruído, aparecem as milagrosas soluções de salvamento, amparadas, é claro, em outras novas e absurdas obras. Salvam, é fato, mas o bolso dos empreiteiros.



“A vaidade é um veneno na luta comunitária”

Nina, moradora no Saco Grande, trabalha para a organização da comunidade

Por Míriam Santini de Abreu, de Florianópolis

Liderança comunitária, três filhos, dona de um bar. Nessas tantas formas de ser e estar no mundo, Rosângela Amorim, a Nina, assumiu mais outra, vital para definir o futuro da Ilha da Magia: ela é uma voz forte na discussão do Plano Diretor Participativo de Florianópolis (PDP), que envolve a prefeitura, entidades de classe e movimentos comunitários e sociais.

Há 50 anos Nina mora no Saco Grande, bairro da Capital catarinense, e viu o lugar mudar, e rápido. Hoje problemas como a falta de água e de luz, de sistema de coleta e tratamento de esgoto e o desmatamento são cada vez mais frequentes. “Se fala muito na qualidade do meio ambiente, mas a situação aqui está caótica, falta investimento”, avalia. “Querem trazer mais empresas para cá, mas antes tem que pensar nisso tudo.”

O bairro onde ela sempre morou já está perdendo as características que possuía, processo que se acelerou depois que o governo resolveu colocar ali o Centro Administrativo Estadual, que antes ficava na entrada da Ilha. Para isso, a prefeitura enviou à Câmara de Vereadores um Projeto de Lei Complementar que altera a forma de uso e ocupação do solo no bairro. Uma das propostas mais criticadas pelos moradores é o alargamento da rodovia Virgílio Várzea, a principal do Saco Grande, no trecho entre a ponte do Rio Pau do Barco e o trevo de Cacupé. A duplicação, temem os moradores, irá mudar as relações de vizinhança. “O Saco Grande vai virar um bairro de passagem, um paredão de prédios,

Foto: Míriam Santini de Abreu

CIDADE

como o João Paulo”, critica Geraldo Von Mühlen, da associação de moradores do Saco Grande II e também atuante na discussão do PDP, referindo-se ao bairro vizinho, onde edifícios luxuosos pipocam dia a dia ao longo das ruas e de áreas de mata ainda preservadas.

Dentro da discussão do PDP, Nina diz que há prioridades urgentes, como o acesso à saúde, que é difícil, e a situação de risco de muitas crianças e jovens da comunidade. Atualmente o Projeto Renascer, do Comosg (Conselho de Moradores do Saco Grande), já atende 200 crianças com apoio pedagógico, três refeições ao dia e material didático. Apesar das dificuldades financeiras, também há atividades voltadas para as gestantes adolescentes e pessoas com dependência alcoólica. “O pobre tá querendo fazer diferença, mas às vezes a gente não soma”, avalia Nina, com seus olhos azuis, grandes e mansos. “Aí tem que acordar, não olhar só para o próprio umbigo, tem que agregar mais entidades”.

O desejo de envolvimento na comunidade despertou cedo em Nina, inspirado pelo pai, que ajudava vizinhos com remédios e caronas até o hospital quando necessário. A mãe era benzedeira, o que também estreitava os laços com os vizinhos. Apesar de eventuais divergências, diz Nina, o pai foi a sua base, a referência na qual ela se apoiou. “Ele dizia que a gente podia ser diferente, melhor.”

Aos 18 anos, Nina conheceu Ma-

ria de Lurdes, falecida no ano passado, com quem fez trabalhos voluntários em diversas entidades ao longo de 28 anos. A amiga também a introduziu no conhecimento da doutrina espírita. “Uma coisa que compreendi é que a vaidade é um veneno no trabalho comunitário. Trabalhamos por uma sociedade diferente, e a gente pode morrer e talvez ninguém se lembre disso, mas o que importa é que a gente fez parte dela.”

Às vezes, a voz crítica tem seu preço. Nessas ocasiões, Nina passa por mal-agraçada, por eterna descontente: “Mas digo que não podemos nos acomodar com pouco. A classe pobre não pode se vista como ‘coitada’, e sim como cidadã, porque o pobre tem os seus direitos tirados. Não temos que bater palmas para os políticos, eles são como nós, e muitas vezes não retribuem o poder que damos a eles.”

Na discussão do Plano Diretor Participativo, ela diz que a comunidade como um todo, talvez pela descrença na classe política, participa pouco, mas pela primeira vez tem a possibilidade de ao menos fazer parte dos debates. O que falta – avalia – é mais articulação entre o que a população deseja e a capacidade de resposta da prefeitura.

Quando precisa recompor a energia, Nina se refugia no jardim atrás de casa, onde trata de suas bromélias. Ela espera que o Comosg, do qual é vice-presidente, cada vez mais faça parte da vida dos moradores do bairro, porque ali, diz ela, se cresce, as pessoas são ouvidas. “A gente não quer fazer sozinho, e sim em conjunto”.

O Plano Diretor é a lei que define a melhor forma de ocupar o território de acordo com a função social de cada município, respeitando as suas especificidades sociais, culturais, ambientais e econômicas. A previsão do coordenador do PDP no Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), Ivo Sostizzo, é que o Projeto de Lei do PDP da Capital seja encaminhado à Câmara de Vereadores até agosto.

Para saber mais:

<http://www.cidades.gov.br>

Isso é coisa que acontece!

Por Helton Ricardo Ouriques, de Florianópolis

A história que segue é sempre contada pelo amigo Waldir Rampinelli, que relata esse caso com muito orgulho de sua terra natal. Em um pequeno vilarejo nos arredores de Nova Veneza, interior de Santa Catarina, em uma colônia italiana, havia um sujeito chamado Antonio Marangoni. Era apelidado de “luz baixa”, porque andava sempre com os olhos entreabertos. Além disso, era manco. Também era feio. Mesmo com todos esses atributos, tinha fama de passarinho, isto é, de um típico “Don Juan”, um conquistador da alma feminina, indiscretamente vivendo em um vilarejo interiorano.

Como era comum nas noites de sábado, depois da missa os colonos se reuniam na casa de um deles para beber, comer salame e queijo e jogar canastra até altas horas. Man-

tendo a tradição da jogatina, Antonio e seus amigos estavam, naquela noite enluarada e quente, em um animado jogo de cartas. Consta que a sorte não estava rondando o canto da mesa do Antonio, mas ele parecia não se importar. Isso porque todos estavam tão envolvidos nos copos de cachaça e comendo tanto salame e queijo, que a mão do jogo pouco significava. E, nessa toada, seguia paciente o jogo de canastra, como tem que ser. Mas, a certa altura, percebeu-se que a cachaça estava chegando ao fim. Antonio prontamente ofereceu-se para buscar um garrafão do precioso líquido em sua própria casa, porque ele, especialista na matéria, mantinha uma reserva particular.

E foi assim que Antonio, por volta da meia-noite, retirou-se da jogatina em di-

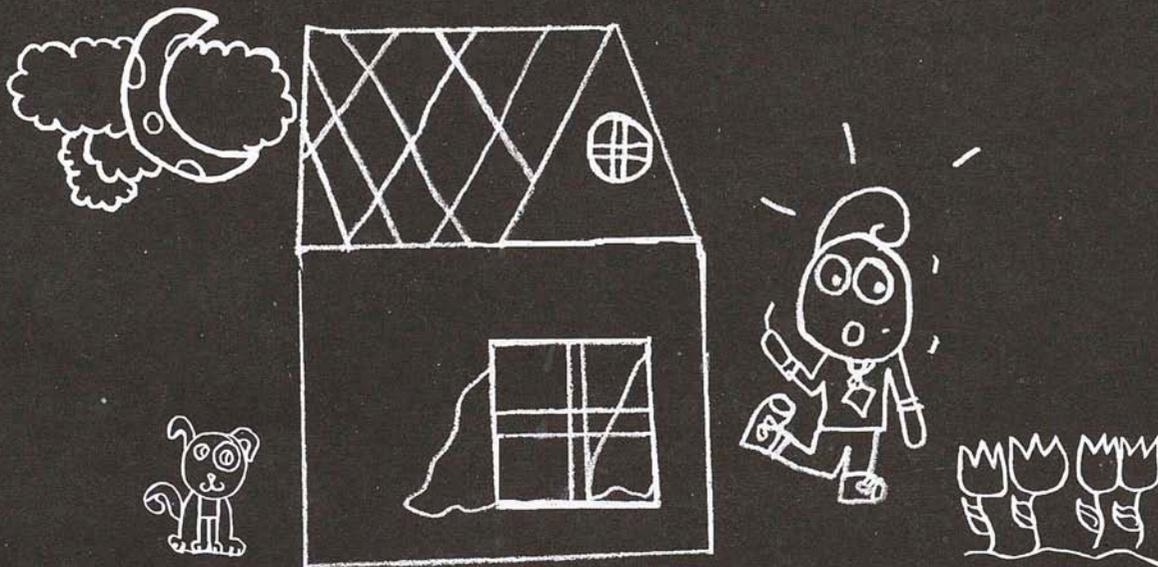


Ilustração: Camila Bion de Assis

reção à sua casa, distante mais ou menos um quilômetro da casa do José Sartori, o anfitrião. Enquanto isso, os outros continuaram o jogo, porque o bom jogador sabe que a roda da fortuna nunca pára...

Mas Antonio, meio embriagado e meio de-sejoso, inspirado pela linda noite de lua e pelo calor de verão, acabou parando em outra casa, de um compadre, para jogar outro tipo de jogo com a comadre. O infeliz, claro, era um dos parceiros de jogo. Tratava-se de um flerte antigo que, fazia alguns meses, compartilhava com nosso galã os prazeres desse mundo, obviamente em segredo e nas horas mais insólitas possíveis. Antonio bateu à porta. Três vezes, pois era essa a senha para os momentos amorosos. A comadre, maliciosa e sorrateira, prontamente abriu a porta e caiu nos braços do Antonio. Parecia que estava à espera do nosso herói. Prontamente foram para o quarto do casal e, no sagrado leito conjugal, passaram a exercer o delicioso pecado da luxúria.

Enquanto isso, os jogadores estavam ficando impacientes. Não era para menos porque, depois de iniciada a bebedeira, a interrupção no fornecimento da água benta provoca reações terríveis, sendo a mais comum dela a irritação.

– Diabos, onde está esse *maledetto* do Antonio? – vociferou o Marcelo Bonini.

O José Sartori, que tinha acabado de pegar cartas ruins, chegou a dar um soco na mesa: – Esse Antonio é fogo! Vai ver que ficou em casa bebendo a cachaça e esqueceu que tinha que voltar.

Já o Pedro Amboni, o mais quieto de todos, conhecido pelo seu temperamento equilibrado, apenas disse:

– Olha gente, já são quase duas, acabou a bebida e o Antonio não vem. Melhor parar por aqui antes que a gente brigue por mixaria.

Concordaram todos e encerrou-se a noite. Cada um dirigiu-se então à sua respectiva casa, cambaleando pelas estradas iluminadas pelo clarão do luar.

O fato é que o diabo sempre prega peças na vida dos homens. E o pobre do Pedro Amboni, chegando perto de casa, achou algo estranho, porque a

luz da varanda, que sempre ficava acesa durante a noite, estava apagada. Resolveu caminhar silenciosamente e, quando deparou-se com a porta da casa, teve cuidado de não fazer barulho, porque no escuro o ouvido é melhor do que o olho. Ouviu ruídos estranhos na casa. Gemidos. Mesmo um sujeito calmo como ele souo frio. Mas conseguiu controlar os nervos. Então, com a lucidez que só acontece nessas horas insólitas, teve a genial idéia de bater na porta e gritar para a mulher abri-la.

Antonio e a comadre, alardeados pelo chamado do marido traído, prontamente se vestiram. Como bom sem-vergonha, Antonio falou à amante:

– Fica calma, vá atender a porta e eu pulo pela janela, o compadre Pedro não vai perceber.

E assim foi feito. Só que o marido tinha sido mais esperto, porque após gritar para a mulher abrir a porta, correu para o lado da casa e ficou à espreita, no lado de fora da janela. Antonio abre a janela e pula para o lado de fora, quando dá de cara com o dito cujo do marido que, perplexo em ver seu compadre enganando-o, pergunta:

– O que é isso, Antonio?

Então Antonio, nosso popular “luz baixa”, com a frieza e o cinismo dos conquistadores, respondeu com a cara mais inocente do mundo:

– Ô compadre, isso é coisa que acontece!

Consta que o compadre do Antonio jurou vingança e este último ficou um ano sem sair de casa à noite, com medo da morte, porque passarinho também teme a danada. Parece que, depois, acabaram se encontrando na comunhão do filho do Antonio e o padre interveio para fazer as pazes. A fama do dito cujo só aumentou com o ocorrido. Dizem que o feio colecionou muitas passarinhas, inclusive. E até hoje, quando alguém comete uma bobagem qualquer na colônia, pede desculpas dizendo:

– Sinto muito, isso é coisa que acontece!

Os nomes citados neste texto são fictícios.



AMÉRICA LATINA

A negra Piedad



Por Raul Fitipaldi, de Florianópolis

CENÁRIO

Colômbia: 50% da população vive sob a linha de pobreza, 15% em condições de miséria extrema. A pobreza afeta desproporcionalmente as mulheres, a população infantil, os grupos étnicos e os deslocados. A pobreza rural chega a 70%. Mais de 60% das crianças e jovens sofrem de desnutrição, insalubridade e ignorância.

10% da população rica dispõe de quase 50% do ingresso total. Concentra um ingresso superior àquele que obtêm os 80% da população com ingressos menores a 38%. Dos 566 mil empregos que paga o Estado colombiano com o orçamento público, 460 mil estão dirigidos às atividades de defesa, segurança e polícia. Essa despesa é igual à de saúde, educação e saneamento ambiental somadas.

O universo militar é formado por assessores militares, mercenários, ex-membros da CIA, do FBI e da DEA - Departamento Antidrogas (?). Houve 3.400 vítimas desde que se iniciou a negociação (negócio) entre o governo e as Autodefesas Unidas de Colômbia (AUC) - paramilitares. Somam 4 milhões os deslocados dos seus territórios entre 1996 e 2005 num país onde 2.400 proprietários possuem 44 milhões de hectares, mais da metade da terra colombiana.

ROTEIRO

Nesse cenário dantesco surge a natureza negra. Mulher, firme, alegre, bonita, expulsa nos restaurantes da sua Colômbia, aplaudida pelos povos da América Latina, e da Venezuela em particular, emerge a senadora negra Piedad Córdoba Ruiz.

Esta negra vibrante, que trabalha a ponta

de emoção, com sua coleção de turbantes de múltiplas cores, sua ginga ondeante, seu falar grave-amoroso, sensual e melodioso, ocupa os primeiros lugares na mídia alternativa e na mídia canalha, para desgosto das grandes redes. Mediadora da troca humanitária na guerra colombiana, entre as FARC - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - e a tropa bélica composta pelo governo de Álvaro Uribe, o paramilitarismo, o narcotráfico, os Estados Unidos, as multinacionais e a hierarquia católica colombiana, foi expulsa dessa facilitação partilhada com o Comandante Hugo Chávez, presidente venezuelano, pelo "Varito" Uribe. Então deu as costas ao presidente terrorista da Colômbia, continuou seu rumo pela paz e a liberdade com o negro-índio-branco venezuelano, e vai somando sucessos.

Respeitada pelas guerrilhas das FARC, do ELN, e pela maioria dos países da América Latina, coloca em relevo o papel dirigente, transformador, socialista e transparente que nossas mulheres têm hoje, na condução dos processos fundamentais da história, nesta Nova Época, de conclusão da Independência. Emancipação, paz, justiça e vida, todas palavras mulheres, mulheraças mães do futuro. Mulheraças lindas, como a negra Piedad, que humilhando o machismo fascista de Uribe, veste de humanidade as cordilheiras que desabam no coração da Nova Granada.

TRILHA POÉTICA

Uma poesia de Candelario Obeso, sobre a qual Piedad Córdoba escreveu no sítio *La Hojarasca* (nome da peça literária homônima de

Gabriel García Márquez), que tanto lhe agrada e para ela parece feito:

Que triste que tá a noite;
A noite que triste tá:
No há no céu uma estrela...
Remá!... Remá!...

A negra rema minha arma minha
Enquanto eu luto no mar,
Banhado em suor por ela,
Que fará? Que fará?

Lembra Piedad Córdoba:

"...os versos deste poema de Candelario Obeso, escutado nos claustros de Antioquia quando cursava meu estudos de bacharel, acompanhavam minhas noites estreladas na Cidade da Eterna Primavera. Os repetia com íntima nostalgia para reafirmar, orgulhosamente, minha condição negra."

A luta de Piedad/Piedosa, ex-retida da guerrilha, sem ódio e com esperanças, urgida pela liberdade de toda a Colômbia, a principal refém do imperialismo, se encontra espelhada num poema de Jorge Artel que ela lembra da sua adolescência e do qual resgatamos este dizer:

Acredito no poder dos humildes,
Os desterrados e os perseguidos
A quem se nega o sol, a sal, a água;
Acredito no triunfo final dos
de abaixo

Porque é deles o dia de amanhã.

APLAUSOS

A negra contemporânea mais famosa desta Pátria Grande se alimenta dessas delícias e atua em consequência. Salve, musa de Oxaguia, filho de Oxalá!



ABYA YALA

Ela foi até o fim!

A luta do povo Mapuche ainda tem muito que andar

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis

O povo Mapuche (homens da terra) tem uma história milenar, existe nestas terras de Abya Yala desde o princípio dos tempos e ocupa historicamente uma região que vai desde o centro/sul do Chile até o sudoeste da Argentina. Quando da invasão espanhola, os Mapuches ofereceram tenaz resistência e



Veja o vídeo com o depoimento de Patrícia no endereço:
http://www.youtube.com/v/Fy6_ZQgC2AY&rel=1

pelejaram por quase três séculos pelo direito de continuarem livres e autônomos. A saga Mapuche foi reconhecida pelo governo espanhol, que chegou a firmar tratados com eles, negociando de nação para nação. No início do século XIX, com as guerras de independência e a formação dos estados-nacionais, os Mapuches mais uma vez tiveram de enfrentar os “brancos” na luta por sua autonomia. Desta vez, por conta da modernidade de armamentos e outras estratégias dos exércitos do Chile e da Argentina, eles foram vencidos em 1883. Naqueles dias, o exército chileno tomou posse das terras, como se estas de ninguém fossem.

Desprovidos de suas terras os Mapuches se espalharam pelas cidades, mas nunca perderam a referência de seu lugar e já no início do século XX inicia-

ram movimentos para a retomada do território original. Com a presidência de Salvador Allende, nos anos 70, essa luta se intensificou e boa parte das terras originárias foram recuperadas. Ainda assim, com a ditadura de Pinochet, a luta arrefeceu e o movimento teve de seguir a passos lentos.

Essa retomada Mapuche ainda não acabou. Não existem mais os espanhóis nem os “criollos” independentistas. O inimigo agora são as transnacionais e a elite chilena que insistem em não reconhecer o território, usando dos mesmos velhos métodos de usurpação das terras e criminalização da luta da comunidade. A fase atual do conflito começou no início dos anos noventa, quando uma empresa espanhola alagou milhares de hectares de terra com a construção de uma represa, obra que foi repudiada pelos Mapuche. Não bastasse isso, madeireiras começaram um trabalho de des-

truição sistemática das florestas, além da plantação de pinus, o que provoca ainda mais destruição.

É neste contexto que, em dezembro de 2001, os Mapuches, em mais um episódio da luta pelo território, entram na Empresa Florestal Mininco (um dos maiores grupos empresariais do Chile) e ateiam fogo a ela, num desesperado protesto contra a destruição que esta vinha causando ao meio ambiente, além de estar nas terras Mapuches. Nesse episódio, Patrícia Troncoso, uma estudante de teologia e líder comunitária, é presa – junto com outros membros do povo Mapuche - e mais tarde condenada a 10 anos de prisão. Só que a lei na qual o “crime” de Patrícia foi enquadrado é a famosa lei anti-terrorista criada ainda no tempo do ditador Augusto Pinochet.

Cumprida já a metade da pena, Patrícia requereu sua liberdade, conforme a lei ordinária. Mas o fato de ter

sido julgada como terrorista a impede que use desta prerrogativa. Além disso, foi afastada para outro cárcere, longe de sua comunidade, para impedir que acontecessem manifestações, recorrentes desde a sua prisão. Indignada com esse tratamento e exigindo que o Estado reveja a lei na qual foi enquadrada, Patrícia iniciou uma greve de fome no dia 12 de outubro de 2007, a qual sustentou até o dia 29 de janeiro de 2008, perfazendo 110 dias, depois que, finalmente, o governo chileno aceitou suas reivindicações. A jovem mapuche deixava claro que só sairia da greve de fome se fosse outorgado o benefício de ir para um Centro de Educação e Trabalho e o direito de liberdade nos finais de semana para ela e mais dois ativistas do seu povo, Jaime Marileo e Juan Millalen.

Quando os mais de 100 dias de greve de fome já colocavam a vida de Patrícia em risco, houve uma mobi-



Foto: Elaine Tavares

lização mundial por parte de lideranças, intelectuais e populações, para que o governo de Michelle Bachelet se sensibilizasse. Foi só aí que o governo decidiu designar uma pessoa para tratar de assuntos indígenas e, entre eles, o de Patrícia. O escolhido foi Rodrigo Egaña Baraona, que terá por missão estabelecer o diálogo com o povo Mapuche.

Agora, Patrícia vai iniciar um período de recuperação e promete logo estar forte para visitar sua gente. Foi um longo e doloroso processo de luta que precisou ir até as últimas consequências, mas a vontade férrea desta mulher, que re-

descobriu suas raízes na luta, foi maior. Na queda de braço com outra mulher, a presidente chilena, venceu a originária. Mas a grande batalha ainda não teve fim. As terras Mapuches seguem invadidas, os campos seguem sendo minados por eucaliptos, a vida se esvai com a fumaça das fábricas de celulose e sob a roda do capital. Muito há por fazer, por isso ninguém duvide que esse povo seguirá sua luta. Como bem diz a própria Patrícia num vídeo gravado desde a cadeia: “Não é possível que essa gente que lutou pela democracia no Chile agora venha colocar preço em nossa vida, colocar preço na terra, em favor de uns poucos”. A luta Mapuche está longe de acabar.



Umas e outras

Por Celso Vicenzi, de Florianópolis

ATENÇÃO! Se cair na prova uma questão sobre energia eólica não vale soprar!

É ISSO AÍ. Moda é isso que faz você comprar uma roupa rasgada ou descosturada, pagar mais caro e ainda achar que fez um bom negócio.

BREGA CHIQUE. Moda é isso que permite a um estilista fazer coisas que, se fosse você, todos diriam que é ridículo.

É POR AÍ. Jornalista é um sujeito

quase sempre inoportuno em busca de uma oportunidade. É um inconveniente à procura de uma conveniência.

PARADOXO. Que coisa mais interessante: pessoas absolutamente vazias, mas tão cheias de si.

DILEMA. Afinal, é a vida que está acelerando ou é a morte andando mais depressa?

AVANÇADOS. Dedos são o que há de mais avançado. Bem antes da revolução tecnológica, eles já transmitiam uma impressão digital.

ONTEM E HOJE. Imposto, ora

veja, já foi chamado de quinto. Para a pobre e média classe brasileira, é o quinto dos infernos.

SIGLA. IPTU = Imposto Pago, Terei Urbanização?

SÓ PRA RIMAR. Caos no trânsito, falta água e falta luz. Turismo na Ilha, consola-se o ilhéu, é carregar todo ano essa cruz.

Celso Vicenzi, jornalista, 49 anos, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.



Foto: Miriam Santini de Abreu

Rosita Alberti, professora, lê *Pobres & Nojentas*

No porão, as torturas da Idade Média

A Mostra Internacional de Instrumentos de Tortura da Idade Média está no porão do Teatro Álvaro de Carvalho, no Centro de Florianópolis. Estão ali expostas peças encontradas em vários lugares na Europa. A Mostra vai até abril, das 13h às 19h, de terça a domingo. O ingresso é de R\$ 6,00. Idosos e estudantes pagam R\$ 3,00.

Assine *Pobres & Nojentas*

5 edições (bimestral): R\$ 23,00
(estão inclusas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

Apoio Cultural

SINDPREVS/SC - Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina.

www.sindprevs-sc.org.br

Nua e crua

Por Rosangela Bion de Assis
de Florianópolis

Hoje eu quero ser melhor
do que já fui até agora.
Hoje eu não quero sorrir
se não for de felicidade.
Hoje eu quero chorar
todas as tristezas acumuladas.
Hoje eu quero correr na tarde iluminada,
sem relógio, nem bolsa.
Hoje eu quero dormir
até me cansar,
e beber
até me embriagar.
Hoje eu quero dançar
sem fechar a cortina.
Hoje eu não vou combinar
o batom com a roupa,
não vou passar perfume.
Hoje eu serei nua e crua
como nunca consegui até agora.

POEMA

Coliseu em Roma

Foto: Amberson Vieira de Assis



banco

um
dois
riscos amarelos
no piso reluzente
e
pronto
está criado um tronco
imaginável
onde servos
do capital
carregam seus
miseros trocados
do outro lado
servos
estendem suas mãos
contrárias
subservientes
ao capital
retiram rapidamente sem dó
nem piedade
de mãos calejadas
trocadinhos
ao pôr-do-sol
estarão no cofre